

Passaporte para a grandeza

Néri Pedroso

Jornalista na área de crítica cultural e escritora

As intrigantes fotografias reunidas na mostra “Translitorânea”, um conjunto de retratos, compõem uma noção sobre o povo brasileiro que vive ao longo da BR-101, uma das maiores rodovias do país. Os visitantes do Museu da Escola Catarinense se encantam com as sofisticadas imagens, que além de belas, são capazes de disparar interrogações sobre uma nação marcada pela diversidade e pela entrega humana. A artista antropóloga alcança a alma dos seus retratados dentro de suas casas, em registros que se estendem do quarto à cozinha, da sala ao local de trabalho, em céu aberto, em praças e ruas – todos em sua intimidade.

O resultado, pode alguém lembrar, são a essência de um retrato. No entanto, neste caso há uma singularidade. Ninguém está desprevenido sobre a condição da fotógrafa, quase uma saqueadora, alguém que está de passagem. Apesar disto, conscientes, as pessoas entregam afetos, história, experiência, um resultado que a pensadora Célia Antoniaci define como “a poética do encontro”. Mesmo que em momento fugaz, fruto do puro acaso, há plena interação. Nesse fulgor reside todo o encantamento sobre a produção desta artista de Florianópolis que tem o pé no mundo, transita entre os continentes num trabalho que procura entrelaçar arte e antropologia, um saber em favor do outro, comunhão que amplia olhares sobre as duas áreas.

A mostra realizada no Museu da Escola Catarinense, localizado no centro de Florianópolis, no chamado Corredor Cultural, é significativa porque coloca a cidade em contato com a produção brutalmente clara desta artista ainda pouco conhecida no lugar onde nasceu. Destacada e acolhida, é ela que inaugura um espaço expositivo com vocação para a grandeza. A instituição, vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina, onde estudou, legitima o seu projeto, assim como a crítica e a imprensa.

“Translitorânea” alcança quase uma centena de inserções em diferentes mídias, além das redes sociais, a televisão, o rádio, o jornalismo impresso. Memoráveis e eloquentes também são os três textos críticos. Fora “Translitorânea”, do curador Michel Poivert, o trabalho estimulou pesquisadores de três estados diferentes do Brasil: Fernanda Aguiar Carneiro Martins, da Bahia, Charles Monteiro, do Rio Grande do Sul e Célia Antoniaci, de Santa Catarina. Ancorada no testemunho do próprio país, a arte de Andrea Eichenberger assume uma autoridade, um poder, a proeza de tocar almas.

Florianópolis, março/2014